

## EUROPA SEM INGLESES

Parece um absurdo, uma Europa sem a Inglaterra; mas absurdos que tais explodem toda semana no mundo de hoje.

Não sei dizer nada sobre as razões dos ingleses na decisão que tomaram. Não tenho vivência, não tenho competência para elencar e discutir essas razões. Só tenho uma convicção: não foi uma decisão racional; como todo voto político, foi uma escolha emocional. Que emoções a guiaram? Só os ingleses as conhecem no íntimo; não teriam sido partilhadas com escoceses e irlandeses. De minha parte, não consigo nem especular: xenofobia? Não sei. Eles nunca recusaram cidadania e passaporte aos súditos do Império, e o prefeito recém-eleito de Londres é muçulmano filho de paquistanês. Rejeição a uma irrecusável liderança alemã? Não sei. Mas uma nação tão afeita ao exercício da dominação imperial com certeza tem dificuldades imensas em aceitar uma dependência. Só uma coisa me parece certa: os ingleses não estão se sentindo bem.

Talvez o afeto e a fidelidade dos ingleses tenham estado sempre mais ao lado da América do Norte do que do continente europeu. Com a Europa sua história é de vários séculos de guerras, com a Espanha, com a França, com a Alemanha, onde sempre saíram vitoriosos. A União Europeia é uma construção da razão, por cima dos desafetos, em busca da perpetuação de uma paz que tem só meio século.

Com a América, depois da separação, a história é toda de paternidade, fraternidade e cooperação. Mesmo na América do Sul, até o episódio estapafúrdio das Malvinas, a relação sempre foi de patrocínio, dominação indulgente e ajuizadora. Como se houvera um reconhecimento da importância do ouro brasileiro na construção do Império Britânico, através da intermediação de Portugal.

Mas, repito, não sei nada a respeito dos sentimentos do povo inglês. As notícias falam de uma discordância explícita dos escoceses e irlandeses. Mas esta é uma questão interna que a eles cabe resolver.

De longe, nós, sulamericanos, vemos a Europa como uma referência não de business mas de cultura e civilização, para usar as palavras certas de Pedro de Souza, jornalista português, furtadiano, que conhece bem a alma dos brasileiros. Nosso olhar para a Inglaterra evoca imediatamente Shakespeare, Newton, Locke e Hume, a monarquia parlamentarista e a social-democracia, Adam Smith, Maxwell e Faraday, Dickens, Darwin, a Trafalgar Square, Westminster, a ponte e a torre de Londres, a bravura deles quando, sozinhos na guerra -- a França derrotada e os Estados Unidos ainda fora -- recusaram a paz em separado com a Alemanha vitoriosa, que queria invadir a Rússia e prometia respeitar o Império Britânico. Eu me lembro, com muita emoção, do meu avô, que escutava a BBC em ondas curtas, a me traduzir Churchill dizendo que só tinha a oferecer ao seu povo sangue suor e lágrimas.

Bem, repito, eu não sei nada dos sentimentos dos ingleses. Sei só que foram sentimentos, não razões, que determinaram essa decisão que surpreendeu o mundo. E sentimentos de mal-estar.

Nada sei, também, das suas conseqüências, para nós e para o mundo. Leio opiniões e especulações de outros que sabem mais e vou refletindo. Veremos.

---

**Roberto Saturnino Braga**

rsaturninobraga@gmail.com  
www.saturninobraga.com.br